

# ① MIGRANTE E A LITERATURA ITAIÓ - CATARINENSE

CELESTINO SACHET\*

## INTRODUÇÃO

Talvez não exista, hoje ainda, entre nós, terras e gentes de Santa Catarina, uma literatura, com "acentos particulares e nítidos", com aquele sentido vivo e orgânico que caracteriza a literatura de outros Estados, como a do Rio Grande do Sul, da Bahia e dos núcleos do Nordeste e da Amazônia" (Nereu Corrêa).

Mas com certeza, não se pode negar, de nós gentes e terras de Santa Catarina, a existência contínua, através da História e dentro do Desejo, de um grupo de intelectuais, de escritores e de ensaístas, em condições de proclamarem fundo e forma de uma cultura que já vem construindo sua própria identidade.

E, assim, parece evidente, a capacidade criadora dos nossos homens de letras e a capacidade reflexiva de nossos pensadores saltam amarras da passividade e abrem pontes e portas para um "fazer" literário que chama atenção, quando menos, pela personalidade dos trabalhos que vão sendo publicados.

Porque inexistente, em Santa Catarina, um traço geopolíti-

---

\*Professor Titular de Literatura Brasileira  
Doutor em Letras.  
Crítico literário.

co capaz de fixar uma individualidade a mais, dentro do arquipélago cultural brasileira de que nos fala Viana Moog, na montagem das reflexões que seguem, entenderemos como "literatura ítalo-catarinense" a produção do "homo catharinenses" pelo "jus sanguinis" - esteja onde estiver - ou daquele que adotou nossa Geografia e nossa Cultura, para auto-realizar-se na "polis catharinensis", pelo "jus soli", saído de uma Itália dividida de ontem ou da Itália reunida de hoje.

Nas linhas que seguem, não se pretende jurar a "ítalo-catarinidade" de homens e mulheres vindos de fora ou o "catariensismo-itálico" de temas realizados por homens e mulheres aqui nascidos. O que se pretende, é dizer aos quatro cantos de Santa Catarina e às quatro pontas do Brasil que o pensamento criador de catarinenses de ontem-e-de-hoje, debruçados sobre raízes italianas, está em condições de ser submetido ao filtro de uma crítica nem sempre atenta, e quase sempre pouco atenciosa, quando esbarra com nomes desconhecidos ou que se escondem fora do grande Eixo Cultural definidor das virtudes que devam integrar a energia de uma análise literária estética e sofisticada.

Entendamo-nos pois: estas reflexões de análise da literatura que envereda por temas italianos ou escrita por ítalo-catarinenses não se fundamentará em critérios estéticos de uma rigorosa crítica literária. Ela vê a literatura - o poema, a ficção e o ensaio - como um patrimônio cultural de nossas terras e de nossas gentes e como a manifestação de um grupo social e político que vem se formando através dos tempos e que se adapta às correntes da História e da Cultura. O que importa, não é a escritura da Estética, mas a cultura da Vivência.

A literatura ítalo-catarinense pretende ser uma visão/civilização sociológica e gostaria de proclamar que a literatura de Santa Catarina não reside no valor isolado de um autor ou de uma obra, mas no conjunto de toda a produção - manifestação de uma forma de ser, de pensar e de agir.

## 1. AS RAÍZES

Gostaria de abrir os fundamentos destas reflexões com a pergunta que me foi dirigida, há algum tempo, quando, integrado

em equipe de professores, acabei atravessando dezessete cidades de nosso Estado para apresentar e debater "A realidade cultural de Santa Catarina".

- Os meus avós eram italianos. O que o senhor acha que eles ganharam em troca de tudo quanto fizeram?"

E se longa foi a caminhada desde os italianos de Nova Veneza, de Urussanga e de Rodeio, aos alemães de Braço do Norte, de Ibirama e de Indaial, passando pelos açorianos de São Francisco, pelos suíços de Fraiburgo, pelos austríacos de Treze Tílias, pelos russos de São Carlos, pelos poloneses de Canoinhas e pelos italianos e alemães gaúchos de Mondai e de Itapiranga, longo também foi e é o mergulho que venho realizando nos santos e nos demônios de jovens e adultos de Santa Catarina que se preocupam com seu passado para entenderem o presente e para planejarem o futuro porque dentro de mim rói a mesma pergunta: "os meus avós eram italianos. O que é que eles ganharam em troca de tudo quanto fizeram?"

Começo a mergulhar nas raízes minhas e da literatura ítalo-catarinense.

Entendo que ao nos sentarmos para refletir sobre os avós italianos, sobre o que fizeram e sobre o que ganharam em troca, entendo que ao nos sentarmos para refletir sobre as raízes italianas, raízes de uva e de vinho, raízes de milho e de polenta, raízes de minas e de medos, raízes de Língua e de Fé, problemas que ainda nos dizem respeito têm que ser colocados debaixo da análise de pessoas inteligentes que pãram porque querem uma reflexão mais alta e mais forte.

No gesto da palavra proferida ou da palavra escrita, no gesto da reflexão sobre um tema, três passos, um depois do outro, devem ser desencadeados para chegarmos a uma conclusão tanto quanto possível mais próxima da verdade. Se é que os homens, a ela, à verdade, têm acesso.

Primeiro, vem o passo dos sentidos. E, permitam, uma frase em latim (que é para dar peso às palavras e dignidade à intervenção): "Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu", isto é: nada se grava na inteligência se antes não passou pelos sentidos".

É preciso, portanto, primeiro VER, cheirar, apalpar, de-

gustar e ouvir porque se fez, como se fez e como andam, hoje, as realidades de uma imigração que é a causa e a fonte, a alma e a arma de nossas raízes, e de nosso passo, do presente.

É preciso ver, por exemplo, porque na Itália cheia de monumentos e de História, em nenhum lugar do país se encontra, hoje, um monumento aos imigrados ou, pelo menos, um simples marco que relembre o emigrante. É preciso escutar uma das muitas canções que diz:

"Le cento lire mi te le dago  
Ma in América, ò figlia no.

I suoi fratelli sulla finestra:  
Cara mamma, lascielà andar.

Va pure, figlia ingrata  
In mezzo al mare potrai restar".

É preciso ouvir o Padre Gilli, cinqüenta anos de Urussanga, amando os brasileiros e os italianos daqui, mas saudosos de voltar para os italianos de lá. E quando, velho, gasto e aposentado, o sonho se realiza, ele, o padre italiano, já é brasileiro quando volta aos italianos da Itália. Não se adapta. Não se encontra. E volta para morrer na sua Urussanga de sempre. É o fenômeno da inadaptação dos que retornam. Mudaram eles, no Brasil; mudou o paesello, na Itália. São brasileiros, na Itália; são italianos, no Brasil. Duas nacionalidades, sem ser de mais nenhuma!

É preciso ver o mar de italianos que, a partir de 1875 inundou o sul do Brasil, e grande parte de Santa Catarina para desaguar nas matas verdes de bugres de Azambuja, nos vales louros de alemães do rio Itajaí, nas baixadas negras de carvão de Urussanga e nos bosques e rios cheios de terras férteis nas barrancas do Mãe Luzia, ali em Nova Veneza, così cara da me.

O professor José Curi, da Universidade Federal de Santa Catarina, numa pesquisa entre os italianos do Rio dos Cedros (vale do Itajaí), teve ocasião de entrevistar filhos dos primeiros imigrantes saídos do norte da Itália. Escutemos o diálogo, em dialeto:

- Que raggione allegavano i primi per venire in Brasile?
- La razón? Per la fame, per la fame, figlio mio. In pro-

cura de polenta".

Voltando um pouco mais para trás, escutemos Júlio Lorenzoni<sup>1</sup> um imigrante do Rio Grande do Sul:

"Estamos em 1877 e eu tinha nessa época apenas quatorze anos. Junto aos meus queridos pais morava eu em um lindo lugarejo do Vêneto. As estações sucediam-se como sempre: um ano bom, com colheitas fartas e satisfatórias e em dois ou três, tudo correndo mal; pouco trabalho e em consequência disto, em vez de lucros, dívidas e dificuldades por toda a parte. Cada ano, havia a lamentar alguma desgraça: chuvas torrenciais na primavera, tempestadas ou secas intermitentes, prejudicando a colheita de cereais de primeira necessidade, que cada vez escasseavam mais, tornando a vida uma verdadeira luta. A maioria dos habitantes daquela redondeza era composta de pobres camponeses, a quem tudo faltava. Inquilinos de ricos proprietários, sem uma casinha própria, nem uma vaca possuíam, pois nada podiam economizar. Assim, a situação dos agricultores tornava-se cada ano pior, e mesmo os que tinham alguma posse previam que em poucos anos perderiam tudo, ficando na miséria. Esperanças de melhorar sua sorte não existiam, porque faltavam absolutamente as possibilidades de fontes de renda. Meu pai, por diversas vezes, foi procurar trabalho na Suíça, na Áustria e na Alemanha, voltando, porém, desanimado, sem nada conseguir, fato esse que tornava a vida dessa pobre gente cada vez mais triste.

Sendo vã, portanto, qualquer tentativa de melhora, a única solução a que chegaram era pois emigrar quanto antes, vendendo tudo o que possuíam, a fim de poder ter recursos que permitissem pagar a passagem da Itália ao Brasil e outros gastos inevitáveis numa viagem tão longa. O preço da passagem variava, naquele tempo, de 100 a 150 libras por pessoa, do embarque em Gênova até o Rio de Janeiro".

Com o salário médio de uma lira diária é fácil perceber o problema que se apresentava para uma família numerosa deslocar-se até este lado do Atlântico!

E se me permitem uma contribuição pessoal: cansei de ouvir do meu avô Luiz Bratti, chegado em Nova Veneza, em 1891, que ele, com 18 anos, junto com seu pai e tios, já estivera na Áustria buscando o trabalho que não encontrava em Longarone. Que

remédio senão se arrancar "per fare la Mérica, in questa terra de cucagna"?

Esta fome grande, esta polenta curta, este trabalho nenhum levaram o professor Constantino Ianni a falar na "emigração da fome".<sup>2</sup>

Neste VER porque vinham para cá, surge uma pergunta triste e amarga. Como foi possível que a Itália que tem, na Catedral de São Pedro, o símbolo da Fé e da Esperança; que tem, em Veneza, o símbolo da Vitória numa cidade roubada das águas; que tem, em Florença, a Capital da Arte; em Turim, o Centro Industrial; em Gênova, o Grande Porto, como foi possível que ela, mãe desnaturada permitisse que 24 milhões de seus filhos (entre 1869 e 1962) saíssem da Pátria para não morrerem de fome?

Itália, Itália, que levou o poeta Páscoli a escrever, no começo deste século, no seu poema "Itália errante":

"Qual madre è mai, que gli uni, sazia ed agli altri, ai tanti, ai più, non pensa"? Itália, Itália que levou outro poeta a dizer: "Porca Itália, i bestiema. Andemo via". Itália, Itália, tu expulsaste teus filhos, em cenas de despedida, pior que um funeral: Escutem a canção: "L'acqua di quel gran mare e l'acqua dell'oblio".

A emigração de centenas de milhares, entre os anos 1860-1900, dizem os estudiosos, se realiza, como que à força, como que uma espada de fogo expulsando a todos, para que "os que ficam, tenham campo para viver e progredir", ou, para aumentar a renda dos que ficam. Saem os pobres para que os ricos permaneçam; saem os sem-terra para que os donos das grandes terras não tenham problemas com os excessos de braços; saem os sem-polenta e os "sensa pane" para que sobrem o milho, o trigo e o vinho para a exportação. Quanto mais gente for embora, tanto melhor para os que não precisam emigrar.

A batalha da imigração, não foi uma batalha do povo italiano. Ao contrário, é Ianni quem diz, ela foi uma batalha contra o povo italiano. Foi uma guerra do Estado contra a Nação; uma guerra da Sociedade Política contra a Sociedade Civil, para usar a terminologia de Gramsci, o filósofo tão em moda. O emigrante teve que se esconder em mundos desconhecidos, não por livre escolha, mas porque vítima de soluções impostas de cima,

em benefício de uma parte da Sociedade e vítima rentável das finanças e dos cofres públicos sempre ávidos de impostos e de impostores.

"Mãs leis" e "maus governos" eis o binômio das lágrimas de milhões de criaturas expulsas do Paraíso por terem cometido o único pecado de serem italianos pobres e sem-terra.

E nem é tão verdade que se emigrava por excesso de população. Em 1861 havia 88 habitantes em cada quilômetro quadrado de terras italianas. Hoje, há praticamente, o dobro.

A causa primeira, a causa principal, numa espécie de castigo bíblico - Adão sem Eva, sem maçã e sem serpente - a causa maior foi a miséria; a miséria planejada; a miséria imposta pela classe rica sobre as camadas pobres.

Passemos por cima da vergonha da fome provocada; por cima das negras causas que levaram nossos avós a entupirem os navios de esperança e as terras de suor e nos transportemos para este lado do Atlântico.

No dia 30 de junho de 1874, Joaquim Caetano Pinto Júnior se compromete com o Governo Imperial Brasileiro a introduzir 100.000 imigrantes europeus dentro dos 10 anos seguintes.

E a partir de então, centenas de navios descarregam toneladas e toneladas de almas humanas nos dois Estados sulinos. Nos corações e nas mentes, as forças do braço e a força da vontade de milhares de nossos antepassados. E, tanto os que se plantaram no fundo dos pequenos vales empurrados para as piores terras pelos alemães do Dr. Blumenau no vale do Itajaí, quanto os que se perderam nas florestas de Azambuja, de Urussanga, de Criciúma e de Nova Veneza, sabem que do Governo, da Autoridade, da Companhia, só podem esperar hospedagem e alimentação durante os primeiros oito dias de sua chegada e transporte para o fundo dos matos a que haviam sido destinados. As terras e tudo o mais terão que ser pagos com as colheitas que demoram seis meses depois de lançada a semente na terra, verde de folhas e úmida de lágrimas da saudade.

Expulsos do Paraíso, aqui chegam enganados. Pensam encontrar tudo e nada encontram; pensam "fare la Mérica" e a América os destrói com a fome, com as doenças, com os índios, com a passa-pernagem de agentes inescrupulosos pagos de acordo com

o número de cabeças de italiano metido no navio.

Escutemos o conteúdo de um folheto distribuído em Treviso, em Beluno, no Vêneto, em Bêrgamo, em Palermo e em Mântua: escutem as maravilhas de uma Colônia aqui na Região, e me digam se você, também, não teria vindo para cá.

"Suas terras (está falando da colônia Nova Veneza), banhadas pelo rio Araranguá, pelo rio Mãe Luzia e por uma infinidade de outros pequenos cursos de água, abundantes de peixes, são universalmente reconhecidas como as mais ricas de Santa Catarina, quer pela fertilidade do solo, quer pela doçura do clima. Estão ainda recobertas de floresta virgem e a madeira é suficiente para pagar o valor dos terrenos. Encontram-se, também, muitos minerais, grande quantidade de plantas medicinais e se caça, com grande abundância, a anta, o javali, o veado, a paca, a lontra, o tatu e os pássaros mais preciosos do Brasil. Esta grande Colônia, que não contará com menos de 2.000 famílias, terá uma bela igreja, administrada por um padre italiano, com escolas para ambos os sexos, uma farmácia e uma enfermaria, além de um cômodo abrigo especialmente destinado aos imigrantes.

Além da agricultura, florescerão as indústrias; os produtos da terra sofrerão todas as modificações; os grãos tornar-se-ão em boas farinhas de várias qualidades por meio de moinhos adequados; as uvas vão se transformar em vinhos de primeira, graças a um estabelecimento enológico; a cana, em açúcar e aguardente; uma serraria a vapor tornará possível a utilização da extraordinária quantidade de madeira, etc. O colono será guiado, aconselhado e confortado pela empresa, desde o dia em que for recebido até quando se torne independente; será acompanhado passo a passo com cuidados especiais. Até que se torne um pequeno proprietário, ser-lhe-á facilitada e suavizada a existência, fundando estabelecimentos industriais para beneficiar e utilizar seus produtos promovendo o comércio e a indústria. A empresa, transformar-lhe-á, em uma palavra, a separação da Pátria menos penosa e a vida muito mais feliz".

As terras férteis, para os sem-terra; o milho e o vinho para os que vivem com fome; o progresso, para pobres miseráveis: quem não haveria de arriscar? Nada a perder - economicamente falando - com a saída da Itália; tudo a ganhar, vindo para a Amé-

rica.

Repete-se, na promessa de um Paraíso Terrestre, o engano e o logro. Escutemos um pouco de História, no exemplo de uma página dessa imigração.

Diante da ameaça da fome e atraídos pelas boas novas da Boa Terra Nova, milhares de colonos esperam encontrar entre nós, aqui em Santa Catarina, a única saída para melhores tempos e melhores temperos. Quem se encontrasse nos dias 24, 25 e 26 de março de 1878 na localidade de Conegliano, província de Treviso, teria visto aglomerarem-se famílias inteiras de Beluno, Longarone, Friulano e Treviso, descidas das montanhas e subidas dos vales, todas aguardando o trem do dia 27 que haveria de conduzi-las para Milão. Depois, a América! Embarcados no navio francês "San Martin", no porto do Havre, depois de 27 dias de mar, são despejados no porto do Rio de Janeiro. No dia 29 de abril, são transferidos para outro navio que os conduz ao Deserto. De lá, são levados a Laguna, em pequenos barcos à vela. De Laguna até Tubarão, embarcam em grandes e velhas barças, puxadas pelas pontas com cordas, pelo rio Tubarão. E, após três dias de viagem, caminhando a pé, por montes e vales, em plena floresta virgem, chegam a seu destino, Urussanga, em fins de maio, daquele ano de 1878.

No dia 5 de junho, é iniciada a distribuição dos lotes. Cada colono toma posse de um pedaço de floresta virgem para nele se instalar, com toda sua família, debaixo da primeira árvore que lhe pareceu mais adequada.

Escutemos o Padre Marzano<sup>3</sup> e permitam que o transcreva no original: "Poveretti! Se i posti da cui erano partiti non erano belli, orribili erano quelli dov'erano arrivati. Non case, non piazze, non strade, non popolazione, ma solo cielo e foreste". E há uma canção cantada por aí, por alguns heróicos defensores de nossas raízes, que é o espelho de uma realidade de que ninguém pode esconder.

"A l'America noi siamo arrivati  
Non abbiám trovato né paglia né fieno  
Abbiám dormito nul nudo terreno  
Come le bestie abbiám riposá.

Abbiám trovato dei pori casoti

Pieni de pulde e pedoci  
A industria dei nostri taliani  
Abbiam formato paesi e citã".

No dia 2 de julho de 1891 - desculpem a intromissão - os Sacchetti e os Bratti avistaram as águas do Mãe Luzia e abriam as terras de Nova Veneza.

Ao castigo da saída, às dores da viagem, ao logro da Nova Terra, acrescente-se o terror dos bugres. I bulgheri! Quantas histórias no choque de duas civilizações em que uma tinha que morrer. E era a civilização dona da terra, chegada antes. Começa a repetir-se, no Sul de nosso Estado, o desastre dos Aztecas, no México, e dos Incas, no Peru. Desastre mil vezes pior porque dos índios, dei bulgheri, não sobrou nada, a não ser restos de cemitérios e armas de guerra.

Só um exemplo, tirado do Padre Marzano: "Estávamos a 10 de fevereiro de 1883 e os quatro irmãos de sobrenome Baldesar, residentes em Rio Deserto, tranqüilos cortavam árvores. Cantavam felizes ao som das machadadas. Um deles, de nome Giovanni, afastou-se um tanto para observar uma grande árvore. Mal caminhara 25 ou 30 metros, quando, sem ao menos pressentir o perigo, sente-se atingido por flechas e tomba ao chão com um grito. Acorrem os irmãos, apavorados, e cheios de horror vêem seu irmão numa poça de sangue com o corpo atravessado, lado a lado por uma flecha. Após vinte e quatro horas de horríveis dores, morria. Foi ele a primeira vítima italiana dos índios brasileiros".

E não se pense que terminam, aqui, os castigos daquela pobre gente escoraçada de sua Pátria, assassinada na pátria dos outros. Escutem esta notícia, publicada no jornal "La Patria"<sup>4</sup> "Dos nossos produtos exportados para o Rio de Janeiro, uma tonelada de milho paga mais caro de Laguna ao Rio do que de Laguna a Hamburgo, Bordeaux, Gênova e Marselha". Será que na abertura do século, havia também a psicose do "exportar é o que importa? Não creio. Era mais uma forma de trair o colono: como poderia ele, sem nenhuma estrutura de organização, meter-se no comércio internacional? Era mais uma forma de castigá-lo pela pobreza e pelo despreparo.

Já vai longe este nosso VER, o primeiro dos três passos de que falava no início. Sentidos atilados e afilados sobre o Panorama que se está descrevendo, é hora de passarmos ao segundo passo desta análise nossa. Me refiro, agora, ao JULGAR, ao analisar, ao colocar debaixo de uma ótica pessoal algumas tomadas de valores, alguns tópicos ligados ao porquê.

Vejo na imigração italiana de Santa Catarina, vejo nos emigrantes que saíram e nos imigrantes que entraram, vejo homens destinados ao exemplo, pela Dor, pelo Sofrimento, pela Desilusão. Mas também, pela Saudade e pela Esperança. Vejo a saudade de filhos de Mãe Desnaturada que os manda embora; vejo filhos de Mãe Adotiva que os não consegue receber. Vejo homens de raça, construindo uma nova Pátria, a Pátria que é nossa, com as lágrimas das mulheres e com os suores dos maridos. Na partida da Itália, a consciência de que o Estado governa e expulsa, qual Anjo Vingador, à porta do Paraíso, pelo crime de serem pobres e não terem nenhuma maçã a oferecer. Vejo homens expulsos de um Paraíso, esperando encontrar um outro. E, aqui, mais uma vez a canção, arma da Saudade, arma do Desafio:

"L'America l'è lunga e l'è larga  
L'è formata di monti e di piani  
E con l'industria de, noaltri, italiani  
Abbian fondato paesi e città".

E os provérbios? Verdadeiras aulas de filosofia de vida e de sobrevivência em terras estranhas. Só alguns, que me estou tornando mais longo do que a própria América.

- a Prudência: "Chi va pian va lontan; chi va forte va a la morte".

- a Coragem: "Fin que la dura. mai paura".

- a Esperteza: "Chi va a l'osto, perde il posto".

- a Fraternidade: "Na man lava l'altra e tutte due lavano la faccia".

- a Perspicácia: "Così è la vita: mezza storta e mezza drita".

- o Trabalho: "L'è meio furar le scarpe, pitosto che i nizüi".

- a Observação: "Paroni e mati no se ga comando".

- o Egoísmo: "El vol la mussa e anca i trenta soldi".
- a Avareza: "No se magna le onge perchê qhe fa mal".
- a Politicagem: "La lègge è uguale per tutti; per siori, un tantin de più".
- a Análise Política: "Chi parla tropo de libertã, vol dir che no la gã".
- a Crítica: "No qhê rede per el pesse grando".  
"A robar poco se va in galera; a robar tanto se fa carriera".
- a Autoestima: "Sa più el Papa e un contaddin che el Papa solo".

Aqui chegados e aqui permanecidos, Saudade de lá e Esperança daqui, o que levou nossos antepassados a não desesperarem, foram, sem dúvida, dois caminhos, iguais, juntinhos: a Fé Católica e a Língua Italiana.

Quando se fizer uma análise profunda do relacionamento do colono com a nova Terra e com a Cultura que nela encontrou, um fato, até hoje, mal entendido e estupidamente interpretado nos anos 40, terá sua cabal explicação: a permanência do idioma nativo, até, exatamente, os tempos da Segunda Guerra Mundial. A língua italiana, melhor o dialeto de cada grupo, muito mais que um simples instrumento de comunicação, constituía-se na certeza de que, eles, mesmo expulsos pela Fome, continuariam sendo "italiani all estero". E que encontrariam na Língua, o suporte para a sua Fé Católica.

Ao chegar em Urussanga, em dezembro de 1899, o primeiro padre italiano, solicitava, por entre o verde das bandeiras italianas que enfeitavam toda a Colônia para recebê-lo, solicitava no primeiro sermão que se perdia entre o verde das matas brasileiras: "Irmãos, italianos, conservemos bem erguida a nossa bandeira. Negro é o futuro de nossa Pátria, Mantenhamo-nos unidos com a Fé que os nossos pais nos alimentaram e com a nossa conduta cristã; com a submissão às Leis do Estado e com o trabalho honesto, mostremos que somos bons cristãos e que sabemos honrar a nossa Pátria distante". E para o Padre Marzano: "Se os alemães ainda falam, depois de tantos anos, a sua língua de origem, como se apenas ontem tivessem chegado da Alemanha, o mérito é do clero germânico que, ao lado da religião, soube

manter viva também a língua, convencido de que no dia em que o imigrante perder a língua pátria, estará em grave perigo de perder, igualmente a Fé".

Houvesse mais espaço, seria de contar, aqui, as santas brigas entre a santa teimosia do padre Gilli, do padre Giacca e do padre Bertoncini querendo e precisando pregar em italiano e o bispo D. Joaquim, portugueses de nascimento, exigindo que os sermões se fizessem "em língua vernácula", que terá sempre a preferência e o primeiro lugar".

O padre Luigi Marzano, conta um episódio que, aparentemente simples, transcende até razões filosóficas muito mais profundas, se quisermos julgar a integração desses imigrantes italianos com a cultura dessa Nova Pátria.

"Perguntei um dia, a um velho quanto sabia de língua portuguesa, depois de vinte anos de permanência no Brasil.

- Quatro palavras, me respondeu, e são: bo dia, bo tarde, vai legero, stô doente da gavessa".

Nas quatro expressões, toda uma filosofia de imigração e de integração com as terras italianas!

As duas primeiras, - bom dia e boa tarde - ele as tinha aprendido, pela necessidade de comunicação com os nacionais. Precisava mostrar-se cordato, educado. Precisava da comunicação com os filhos da Nova Pátria. Na outra expressão - vai ligeiro - uma filosofia de trabalho. Uma vontade imensa de caminhar depressa. De andar correndo, porque o tempo passa, porque é preciso fazer mais e mais. É preciso plantar logo e colher às carreiras. É preciso fazer o progresso quanto antes. E, não seria igualmente, um convite ao homem nativo para que, brasileiros e italianos se engajassem nesta filosofia da pressa, para somarem, juntos, os mesmos esforços? E no - estou com dor de cabeça - a expressão da dor e do cansaço, da angústia e do sofrimento pelas contrariedades, nas florestas densas, nos índios tensos, no desconforto imenso.

Em vinte anos de permanência no Brasil, quatro expressões ítalo-brasileiras eram muito pouco em termos numéricos de integração. Mas era o bastante. Era muito. Era muitíssimo em termos de comunicação. Em termos de trabalho. Em termos de visão italiana entre as terras e as gentes de Santa Catarina.

Já vão longe provavelmente longe demais - estas minhas reflexões sobre o imigrante, tema-palavras-de-amor de um professor de Literatura que não conseguiu, ainda, escrever o romance-tragédia da Imigração Italiana, o romance lírico da Imigração Italiana, o romance-cômico da Imigração Italiana.<sup>5</sup>

O terceiro ponto de nossa reflexão, depois do VER dos sentidos, e do JULGAR da consciência de cada um, com o preço e com a responsabilidade que cada um vai pagar, o terceiro passo de nossa reflexão sobre as nossas raízes, nos leva para dentro e para fora do AGIR.

É preciso fazer. Fazer e refazer desfazendo. Mas fazer para servir e não para ser servido.

Uma coisa é certa: as raízes dos antepassados açorianos do Litoral, dos antepassados alemães do Vale, dos antepassados dos italianos do Sul, dos antepassados paulistas do Planalto e dos antepassados gaúchos do Oeste estão se perdendo. E começaram a se perder, na década 30-40 quando ser italiano e ser alemão passou a ser crime controlado pela Polícia<sup>6</sup>. Quantos dos nossos antepassados não passaram cenas de medo, sem ter a coragem de falar, sem ter a força de sair de casa, só porque eram... italianos ou filhos de alemães. Estas raízes continuaram se perdendo nos anos 50-60 quando não ficava bem... ter raízes fora do Brasil. E se perderam quase que por completo, nos anos 70, com o progresso louco e amalucado só para engordar os gordos cofres de multinacionais "morte de fome"... de dinheiro.

Não me agrada ser apocalíptico ou apresentar sopros de Sexta-feira Santa. Vejo, aqui e ali, muita gente com a coragem e com o orgulho de proclamarem: "meus avós eram italianos".

Pois, senhoras e senhores, eu lhes digo e escrevo: "meus avós eram italianos". E tem mais: não existe prato melhor do que uma sala da de radici, uma galinha com molho, uma polenta com queijo-de-colônia. E troco um banquete cinco estrelas por uma polenta saída das raízes de dona Madalena, ali em Nova Veneza.

## 2. O TRONCO

Dentre as dezenas de conceitos de **literatura**, pouco, ou quase nenhum deles parte do conceito de **cultura**, entendida esta

como um "sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e de atitudes".<sup>7</sup>

Erro seria, pois, negar que o imigrante italiano não tenha exercido em Santa Catarina, alguma forma de ação cultural ainda que bem menos intensa do que o alemão no Vale ou, mesmo, o italiano no Rio Grande do Sul.

Tanto os italianos que foram plantados no fundo dos pequenos vales empurrados pelos alemães sabidos do Dr. Blumenau, quanto os que se perderam nas florestas de Azambuja-Urussanga - Criciúma - Nova Veneza, ou nos altos de Caxias - Garibaldi ou Bento Gonçalves eram todos farinha do mesmo milho e vinho da mesma uva.

Mas, enquanto a bibliografia da imigração italiana no Rio Grande do Sul ostenta dezenas de títulos e algumas obras-primas, a de Santa Catarina mal e mal alcança uns poucos livros e magra meia dúzia de jornais vinculados a párocos inteligentes e a professores dinâmicos. É bem verdade que, ao fazer o levantamento da Bibliografia sobre Imigração Italiana, no ano de seu centenário, Luiz A. de Boni, da Universidade de Caxias do Sul, mostra-se surpreso ao descobrir uma "inesperada produção bibliográfica"<sup>8</sup>. O mesmo pesquisador atribuiria a grande produção bibliográfica dos alemães sempre em língua nativa, ao fato de estes, seguidores da religião Protestante que eram, precisarem da alfabetização e das escolas para, com a leitura da Bíblia, se manterem unidos aos Mandamentos e a Deus, através do Livro dos livros. Já os italianos, saídos de um país católico, sem a necessidade religiosa da leitura da Bíblia, "em grande parte analfabetos", chegavam até a desprezar a escola e as coisas da cultura escrita.

Não parece ser esta a verdade. Em sua dissertação de mestrado<sup>9</sup>, Andrietta Lenard, como resultado de pesquisas realizadas nos arquivos de Viena, conclui que à época, o índice de analfabetos, no norte da Itália era mínimo e Walter Fernando Piazza dispõe de documentação inédita comprovando que a quase totalidade dos imigrantes entrados em Nova Trento sabia ler e escrever.

As causas, portanto, da não existência de uma acentuada bibliografia italiana em Santa Catarina, já o vimos, longe de

se estribarem no baixo nível cultural do italiano residem dentro da problemática em que esta imigração vinha se realizando.

Numa imigração forçada, é difícil romper por simples razões econômicas, os laços que ligam o imigrante à velha pátria e todos saem pensando em voltar<sup>10</sup>.

Essa preocupação constante e revoltada - acrescida à revolta das decepções - em Santa Catarina, contribuiu para a pouca atividade bibliográfica de um contingente com a quase totalidade constituída de trabalhadores agrícolas e braçais ou de pequenos artesãos, sem a necessidade e a experiência mínima de um, ainda que leve, contacto com a leitura e com a escrita.

Há que se acrescentar ainda o "ascetismo de poupança" - já de longa tradição na Itália e uma dura necessidade em Santa Catarina dada a insegurança com que se realizam plantações e colheitas sempre sujeitas às secas prolongadas ou às chuvas em demasia, com o mais que centenário terror das enchentes do vale do Itajaí, - esse ascetismo da poupança, não deixa margem e tempos para reflexões escritas ou criações ficcionais.

Ao tentar-se falar de uma literatura ítalo-catarinense, não se discuta se esta literatura apresenta uma personalidade própria ou não. E nem se ela se apresenta como **literatura** no sentido universitário da "palavra posta em arte".

Ao falarmos de uma literatura do imigrante não se podem exigir dela os parâmetros de uma literatura-escritura. O que nos (me) interessa é uma literatura-cultura, uma literatura espelho de uma visão de mundo, uma literatura reflexo de um pensar, de um sentir, de um fazer (literário).

Para Santa Catarina não vieram literatos, nem escritores, nem artistas, nem homens de cultura refinada. Vieram colonos, vieram imigrantes para trabalharem a terra, para se dedicarem às duras lutas da sobrevivência.

Os únicos imigrantes que apresentam condições de se debruçarem sobre a caneta e o lápis, sobre o papel e sobre a palavra escrita são os padres da Igreja Católica. Dois obstáculos se enfrentam e se defrontam: de um lado, são padres seculares cuja luta pelo pão espiritual de cada dia pouco tempo lhe deixa para assuntos profanos da Literatura. Do outro, está o bispo, D. Joaquim Domingues de Oliveira, português de nascimen-

to, o qual por não entender a língua italiana, não entende o padre italiano e o proíbe de utilizar-se da língua do colono, quer nas cerimônias religiosas, quer no relacionamento entre o padre e a comunidade. Tive ocasião de ler, nos livros do Tombo, tantos das igrejas de Criciúma e Urussanga quanto a de Nova Veneza - não sei se o mesmo fenômeno vai ocorrer no Vale, - o mal estar do senhor bispo, pelo fato de ao chegar em visita pastoral, ser recebido em discurso em língua italiana. Ainda conservo comigo um cartão postal, saído de Florianópolis, em 1930, onde o bispo pergunta ao padre de Criciúma quais os progressos que vinha fazendo na "aprendizagem da língua portuguesa". E, em 1925, D. Joaquim deixa escrito no livro do tomo de Urussanga que considerava uma afronta, ter sido saudado, ao chegar à cidade, pelo padre Gilli, na língua do imigrante.

E se o padre não fez literatura, da mesma forma que os sacerdotes vinculados às ordens religiosas do Rio Grande do Sul, quem poderia tê-lo feito? O professor? Qual professor se ele, também colono, mal e mal é alfabetizado de manhã, para ensinar a ler, e de tarde, se mete terras a dentro a plantar e a colher porque é destino, o professor sempre foi, quando nada pago, mal e muito mal pago.

Se há uma extensa literatura alemã em Santa Catarina, é fato mais do que comprovado que ela só se verifica nas décadas dez e vinte do presente século, ou seja 60-70 anos depois da fundação de Blumenau.

E mais, enquanto a imigração italiana vai se distribuir em dezenas de colônias perdidas entre o Tubarão e o Araranguá, ou no fundo dos vales do Itajaí, a cultura alemã, vai se aprofundando no mesmo local em que foi transplantada: a cidade do Dr. Blumenau por ele fundada e dirigida.

Com uma colonização italiana do Sul ou do Vale levando pelo menos uma geração para se completar, poucas condições havia para o surgimento de um pólo ou de um líder capaz de aglutinar e promover os culturalmente mais capazes.

E se a imigração italiana no Rio Grande do Sul se efetiva, quanto ao tempo e quanto ao espaço, nos mesmos parâmetros da de Santa Catarina, ocorreu lá o que não houve entre nós: a presença de um clero, composto de sacerdotes vinculados a or-

dens religiosas como a dos capuchinhos e a dos franciscanos<sup>11</sup>.

A literatura ítalo-catarinense abre suas páginas com as descrições de valor histórico e memorialístico, sobre a vida e os costumes das colônias nas descrições dos padres Arcângelo Ganarini, Giacomo Vicenzi e Luigi Marzano.

ARCÂNGELO GANARINI (Trento - Itália, 1844 - Florianópolis, 1920), a partir de 1882, exerceu as funções de vigário em Brusque, Itajaí, Nova Trento, Santo Amaro da Imperatriz, Enseada de Brito e Hospital de Caridade, em Florianópolis. Escreveu **Notícias de Brusque e Nova Trento, isto é das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro na província de Santa Catarina** (Trento, Est. Tip G.B. Ed., 1880, tradução de Lucas Alexandre Boiteux) e **Nuova Trento**, impressioni de viaggio (Trento, G.B. Monauni, 1901), trabalho analítico, porquanto acompanha, inicialmente os colonos e, depois, volta à Colônia para descrever o seu desenvolvimento econômico, humano e social. "Com seus escritos, favoreceu o fluxo migratório para aquela região" (Walter Piazza).

Resultado de sua permanência de três anos na Colônia, no prefácio, assinado em Nova Trento, e datado de 30 de março de 1880, o autor declara ter tomado a deliberação de escrever a **Notícias** para divulgar, na região italiana de Trento através da "Voce Cattolica", "as condições em que se encontram muitos dos nossos compatriotas nestas colônias, e quais as suas esperanças no porvir".

A descrição do padre Ganarini é a mesma das muitas que se fizeram no Rio Grande do Sul. Em todas elas é comum: o desencanto dos colonos ao chegarem nas novas terras; a falta de delimitação inicial dos terrenos; o barracão na sede que alojava 50 a mais famílias; as primeiras casas cobertas de folhas de palmito, tapadas com ripas ou de tábuas; as poucas estradas intransitáveis pela lama; as pessoas descalças e mal-vestidas.

Algumas observações parecem ser de importância no trabalho do padre Ganarini.

A primeira é a da balbúrdia lingüística dos imigrantes italianos.

"Coisa curiosa era observar-se como os de Monza, não entendendo o modo de falar dos de Valsugana, os tomavam por ale-

mães, ao passo que os de Valsugana tinham o mesmo pensar em relação aos de Monza".

Uma outra, é que não se olhando se os terrenos que cada colono recebia eram próprios à cultura, "muitos colonos descontentes tiveram, com grande despesa, de mudar de sítio ou desgostosos retornar à pátria ou ir para a Argentina".

E por último, uma afirmativa que poderia ter sido uma das causas da pouca atividade cultural do imigrante italiano: "As melhores terras em torno de Brusque estão ocupadas por colonos tedescos, enquanto os italianos, situados mais distantes no fundo dos vales, nem sempre puderam alcançar boas terras e planas com escabroso monte somente próprio para a plantação da mandioca".

LUIGI MARZANO, foi vigário de Urussanga entre 1898 e 1908, quando retorna à Itália. **Em coloni e missionari italiani nelle foreste del Brasile** (Florença, Tip. Barbera, 1904, traduzido por João Leonir Dall'Alba, Fls., UFS Ed/Urussanga, Prefeitura Municipal, 1985), centra os dados em torno da colonização italiana de Urussanga e Criciúma, destacando, evidentemente, a ação religiosa dos difíceis primeiros tempos.

JACOMO VICENZI (Trento - Itália, 1868 - Rio de Janeiro, 1942), fez estudos primários em Blumenau, mas exerceu religiões no Rio de Janeiro. Publicou **Uma viagem ao estado de Santa Catarina**, em 1902. (Niterói, Tip. Amerino, 1905). O livro traz a apreciação crítica do Conde Affonso Celso que encontrou no trabalho duas notas relevantes: o patriotismo de "um verdadeiro amigo do Brasil, zeloso de seus brios, desejoso de o achar sempre próspero e digno" e a fé religiosa do autor. Detalhe curioso da publicação reside no fato de que a viagem marítima e fluvial entre Florianópolis e Blumenau tinha a duração de 48 horas, com pernoite em Itajaí.

A Primeira e a Segunda Guerra Mundiais interrompem não só a produção mas, até, o pensamento em língua italiana.

A partir dos anos 50, uma nova geração de ítalo-catarinenses começa a se dedicar ao estudo-ensaio sobre a "imigração da fome". E se, hoje ainda, não dispomos de uma numerosa bibliografia, não é de se negar a forte e constante presença de autores ítalo-catarinenses dedicados ao tema: Walter Fernando

Piazza e João Leonir Dall'Alba, entre outros.

WALTER FERNANDO PIAZZA (Nova Trento, 1925), na sua vasta obra de perquirição histórica, envereda pelo campo da imigração italiana em: **Município de Nova Trento** (Florianópolis, 1948; **Nova Trento**, edição comemorativa do 75º aniversário de fundação (Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1950); **A colonização italiana em Santa Catarina** (Florianópolis, Ed. do Governo do Estado, 1976).

JOÃO LEONIR DALL'ALBA (Ana Rech - RS, 1938), estudou Filosofia e Teologia na Itália, onde foi ordenado sacerdote. De volta ao Brasil, formou-se em Letras em São Paulo. Entre 1970-1984, foi diretor do Seminário São José e do Colégio Estadual Toneza Cascaes, em Orleans. Fundou o Museu Conde d'Eu e o Museu do Ar Livre, em Orleans, destinado a ser um registro vivo da memória da tecnologia doméstica, empregada durante o ciclo migratório italiano de fins do século passado. Diretor de um Colégio em Araranguá, dedica-se à pesquisa da imigração italiana no sul do Estado. OBRA: **Pioneiros nas terras dos condes**, História de Orleans, vol. I (Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1971); **O vale do Braço do Norte** (Orleans, Ed. do Autor, 1973); **Imigração italiana em Santa Catarina** (Florianópolis, Ed. Lunardelli/Caxias, Ed. da Universidade/Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983); **Os Dall'Alba, cem anos de Brasil**, estudo de uma família (Caxias, Ed. da Universidade/Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984). Tem alguma produção poética esparsa nos anuários "Sinos de Orleans". Tentou recriar liricamente a vivência dos antepassados no livro em língua vêneta **Stianni in Colônia**, ainda inédito. Em 1985, conseguiu publicar a tradução do livro do padre Luigi Marzano **Colonos e missionários nas florestas do Brasil** (Florianópolis, Imprensa Universitária da UFSC/Prefeitura de Urussanga, 1985).

- Para Dall'Alba, a História é a ciência dos acontecimentos e dos fatos. Abstendo-se de formular juízos e análises, contestáveis no tempo, prefere fazer história documental, muito mais rica que a analítica. Garimpeiro da História, percorre incansavelmente a Região, para entrevistar centenas de pessoas que participaram da conquista da terra. Cronista do tempo,

registra riquíssimo painel de informações num linguajar muito peculiar, pois ao Autor, fiel à fonte, perpetua os falares característicos da Região, o que torna a obra preciosa, também para os filósofos e lingüistas (Oswaldo Della Giustina).

Na análise-ensaio sobre a colonização italiana, além das pesquisas universitárias de Beatriz Pellizzetti, em **Pioneirismo italiano no Brasil Meridional** (Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1981), um "estudo de caso" sobre a vida e a obra de Ermembergo Pellizzetti, em Rio do Sul e de Roselys Izabel Correa dos Santos, em **A colonização italiana no vale do Itajaí Mirim** (Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1981), merecem destaque:

- **Primeira página da colonização italiana** (Florianópolis, Departamento Estadual de Estatística e Publicidade, 1939), de Lucas Alexandre Boiteux onde, com dados recolhidos na própria família, o Autor reconstitui a fundação e a vida da colônia Nova Itália estabelecida, em 1836, no vale do rio Tijucas, com colonos vindos da Sardanha, num empreendimento de iniciativa particular;

- **Azambuja e Urussanga** (Niterói, Oficinas do Diário Oficial, 1939), de Vieira Ferreira, um depoimento de experiências pessoais sobre a colonização do sul do Estado, ao acompanhar os trabalhos desenvolvidos por seu pai, Joaquim Vieira Ferreira, diretor da Comissão de Terras que assentou os imigrantes italianos nos vales de Tubarão e de Urussanga;

- **Interpretação regional do Município de Rodeio** (Florianópolis, Escola Industrial, 1948), de Theobaldo Costa Jamundá;

- **Apiúna nos meus apontamentos** (Porto Alegre, Escola Gráfica Dom Bosco, 1970), de Miguel Deretti, com informações gerais baseadas, também na tradição oral, em reminiscências pessoais e com apresentação de casos isolados que formam contexto social, político e cultural da região;

- **Minibiografia de um pioneiro: Marcos Rovaris** (Criciúma, Ed. dos Autores, 1971; Criciúma, Ed. Comemorativa do Primeiro Centenário da Colonização, 1980, 2.ed. modificada e ampliada) e **Tímido ensaio biográfico: Giacommo Sônego**, um dos precursores da exploração do carvão mineral (Criciúma, Ed. dos Autores, 1972), de José Pimentel e Manoel Bellolli;

- **História de Rio dos Cedros** (Blumenau, Casa Dr. Blumenau, 1975); **História e imigração italiana de Rio dos Cedros** (Blumenau, Casa Dr. Blumenau, 1985), de Victor Vicenzi;

- **Colonização italiana de Ascurra, 1876-1976** (Blumenau, Ed. do Autor, 1975; Blumenau, Casa Dr. Blumenau, 1978, 2.ed.) , de José E. Finardi;

- **Imigração italiana** (Criciúma, Gráfica Ribeiro, 1977), de Agenor Neves Marques;

- **Siderópolis** (São Paulo, Ed. Paulinas, 1963), aspectos dos primeiros tempos da colonização, tomando como base os depoimentos prestados a professores do Colégio Dom Orione, de Siderópolis, por imigrantes e seus descendentes da Região.

- **Em História da minha vida** (Petrópolis, Ed. Vozes, 1980), Atilio Fontana (Arroio Grande, RS, 1900) percorre um longo caminho desde os costumes italianos, no noroeste do Rio Grande do Sul, passa pela colonização pioneira do oeste de Santa Catarina e chega aos altos postos da Política e da Administração na Empresa Privada.

### 3. AS FLORES E OS FRUTOS

É na música, melhor, nos cantos musicados que a alma italiana percorre gerações. E se a Segunda Guerra Mundial consegue esconder velhos corações italianos obrigados a se esconderem dezenas de quilômetros longe do mar - como se pobres colonos e modestos homens urbanos dispusessem de radiotelegrafia para se comunicarem com submarinos alemães e italianos escondidos, ali em Laguna e São Francisco, o Centenário dos anos 70 traz à tona uma surpresa: a música e o canto das velhas canções estão firmes na alma e no gosto da Geração Número Três.

Em janeiro de 1974, Victor Vicenzi e Venício Bona, em **Cantavan cosi** (Rio dos Cedros, Paróquia Imaculada Conceição) reúnem 61 canções com letra e música, "para não perder, com o andar dos tempos, tão preciosa cultura de nossos antepassados".

Em 25 de julho de 1975, o jornal "O Município", de Brusque, dedica 12 páginas ao Primeiro Centenário de Colonização Italiana no Brasil", com estudos de Vitório Ledra e Ayres Gevaerd. E na quase centena de cânticos reunidos, as vozes italianas do Vale, de Botuverã, de Nova Trento, de Ascurra e de

Brusque se misturam com os timbres vênets de Siderópolis, de Nova Veneza e de Urussanga. A edição-suplemento é reunida em livro por Vitório Ledra, com 105 canções populares, sob o título de **Cancioneiro do imigrante italiano** (Brusque, Ed. Mendes, s.d.).

Em 1982, José Acácio Santana, na preocupação de resgatar e de preservar a memória cultural de Santa Catarina, no que ela possui de mais autêntico e significativo, no campo específico da música, edita **Canções italianas** (Florianópolis, UFSC), dentro do grande tema "Folclore Catarinense".

No campo da ficção atual, dois nomes se somam e mergulham no poema e no conto: Fioravante Valentino Ferro e José Curi.

FIORAVANTE VALENTINO FERRO (Verona, Itália), professor universitário, reside em Florianópolis, desde 1958. Além da Poesia, dedica-se à Pintura, à Cerâmica, à Escultura e ao Canto Polifônico. Recebeu a Medalha da República Italiana pela difusão da cultura em seu país, em Santa Catarina. OBRA: **Gráfico imperceptível** (Florianópolis, Ed. do Autor, 1967); **In memoriam di Martin Luther King, di Roberto Francis Kennedy** (Florianópolis, Ed. do Autor, 1968).

- Publicado em edição bilingüe - italiano/português - **Gráfico imperceptível** anuncia um Poeta que encontrou na Ilha o espaço humano e paradisíaco que a Europa não lhe dera. Dividido em três partes "Gráfico do tempo", "Gráfico do coração" e "Gráfico da alma", - o Autor se debruça sobre valores e categorias humanas desde o **estar** no tempo até o **ser** criatura humana e filho de Deus.

JOSÉ CURI (Rio dos Cedros, 1931), doutor em Letras, é professor de Linguística e de Filologia Românica na UFSC. Em 1973 realizou estudos nas universidades de Bolonha e de Pádua. Pesquisador dos fenômenos da Língua, é Poeta e Contista. Entre suas diversas obras, editou **Racconti de Rio Cedro**, em dialeto vênets (Florianópolis, Ed. do Autor, 1984).

- **Racconti de Rio Cedro**, as dez estórias curtas que alimentam as páginas desse livro-novela-romance nos levam a conviver, melhor, a rir, a sonhar e sofrer com as terras e as gentes italianas, lá no fundo do vale do Itajaí e mais, muito mais,

com o modo de estar, de ser e de sentir do imigrante europeu transplantado, à força, nas ricas terras da América. Só em dialeto vênето, é possível apresentar a vergonha de Fonso ao perder suas terras; a raiva de nono Osti ao dar-se conta do roubo das melancias; a paciência e o (santo) desespero da Serafina com os porres (domingueiros) do tio Berto; a preocupação do padre Gioani, com o giovanoto que deixou a batina e regressa às origens para buscar uma biondina; o gesto sagrado de beijar a terra e a enxada porque as duas não estão (não poderiam estar) perdidas; a alegria, também sagrada, de sentir-se colono. A natureza e os animais, o Humano e o Sagrado, a Filosofia, a Sociologia, a Economia e a Religião convivem e se completam na Língua e na Linguagem. No Paraíso, ainda não perdido, duas palavras são o dínamo que move velhos e crianças, pais e avós, professores e padres pelas esquinas do Vale e da Vida: "meraviglia" (maravilha), diante da Terra e da Natureza; "vergogna" (vergonha), diante dos homens. Isto porque tudo é sagrado, nele incluído o gesto de empanturrar-se à mesa ou de cantar as virtudes da (sacra) polenta.

Assim como o imigrante vênето do Rio Grande do Sul encontrou um Aquiles Bernardi - **Nanetto Pipetta e Storia de Nino, fratello de Nanetto Pipetta** - para colocar no papel as desventuras do imigrante nos seus primeiros tempos "in Brasile", a imigração italiana, em Santa Catarina, encontrou em José Curi o cronista que estava faltando.

#### CONCLUSÃO

O que ganharam nossos avós em troca de tudo o que fizeram?

Ganharam, eles, pelo menos, a polenta que não tinham na Itália; ganharam, eles, pelo menos, uma nova Pátria que não deixavam ter na Itália; ganhou a Itália com bocas a menos para sustentar; ganhou o Brasil e ganhou Santa Catarina, uma nova raça de gente trabalhadeira e honesta; ganhamos, nós, as nossas raízes. Raízes que não vamos perder; raízes que não podemos perder. Uma árvore sem raízes é árvore seca; um homem sem raízes é homem sem destino. É um homem sem flores e sem frutos.

Ganhamos todos. Mas ganhamos, principalmente nós, as gostosas raízes italianas de gentes brasileiras. Nem por nada, a cor verde está na bandeira da Itália, está na bandeira do Brasil, está na bandeira de Santa Catarina. Três verdes, somando, a nos darem a esperança de um mundo tão bom e tão feliz quanto sonharam os nossos antepassados.

#### NOTAS

- <sup>1</sup>LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano.** Porto Alegre, PUC/Sulina, 1975. p.13-4.
- <sup>2</sup>IANNI, Constantino. **Homens sem paz.** Rio, Civilização Brasileira, 1972. p.13.
- <sup>3</sup>MARZANO, Luigi. **Coloni e missionari italiani nelle foreste del Brasile.**
- <sup>4</sup>"La Patria". Urussanga, n.11, agosto, 4, 1901.
- <sup>5</sup>POZENATO, José Clemente, em **O quatrilha e O caso do martelo,** (Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985) realiza, ficcionalmente, a primeira tentativa de levar para dentro do romance e da novela as terras e as gentes italianas da região de Caxias, Rio Grande do Sul.
- <sup>6</sup>A partir do funcionamento da Inspeção Geral de Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino, as 610 Unidades Escolares Particulares, com 25.200 alunos, em 1935, estavam reduzidas a 107, com 10.701 alunos, 1941.
- <sup>7</sup>Emílio Willems, USP.
- <sup>8</sup>"Caderno de Sábado". Porto Alegre, **Correio do Povo**, julho 12 e 19, 1975.
- <sup>9</sup>LENARD, Andrietta. **Lealdade lingüística em Rodeio.** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1976. mimeo. p.110-1.
- <sup>10</sup>IANNI, Constantino. Op. cit., p.102.

<sup>11</sup>Entre os anos 1890-1920, a Ordem dos Franciscanos, de origem alemã, abre uma forte e vigorosa bibliografia de caráter essencialmente religioso: Pedro Sinzig, Bruno Heuser, Rogério Nehuaus e Matheus Hoepers, este, nascido em Tubarão (Cf. Sachet, C. **A literatura catarinense**. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1985. p.236 e ss.).